

# AGRICULTURA E MEIO AMBIENTE: REFLEXÕES SOCIOLÓGICAS

Marcel Jollivet (\*)

## Resumo

A questão do meio ambiente torna-se um componente maior do debate social. É difícil dizer, de maneira precisa, como ela se integrará e o lugar que tomará neste debate. Pode-se, entretanto, caracterizando-a de maneira geral, esboçar algumas grandes hipóteses: Quando se trata de agricultura, é importante levar em conta a situação na qual os agricultores franceses vão provavelmente se encontrar sob o ângulo sociológico - à medida que se desenvolvam as restrições ambientais. Trata-se aqui muito mais de localizar boas questões do que tentar respondê-las de maneira completa.

## Palavras-chave

sociologia rural, política ambiental, solos, biodiversidade, paisagem, água

## Abstract

The environmental issue is becoming a major component of the social debate. However, the means of its integration and its exact position within that debate remain to be fully appreciated. By identifying its principal features we should, nevertheless, be able to develop a set of central hypotheses. Using this framework, and by taking certain key questions into account, particularly those relevant to agriculture, we can describe in detail the situation in which French farmers may be involved, in a sociological sense, as environmental constraints develop. Our problem is to identify the right questions, rather than to begin to provide immediate answers.

## Key words

rural sociology, environmental policy, soils, biodiversity, landscape, water

---

*O autor é Diretor do PIREN, CNRS, Paris.*

Tradução de João Marcos Senise Paes Leme.

(\*) Publicado originalmente com o título "*Agricultures et environnement: reflexions sociologiques. Agriculture et la gestion des ressources renouvelables*", em *Economie Rurale*, n° double 208-209, mars-juin 1992, p. 5-10.

A questão do "meio ambiente" é de origem recente. É verdade que ela possui antecedentes e que uma certa quantidade dos problemas que ela encerra foram colocados - e discutidos - bem antes que se travestissem do rótulo "meio ambiente" (MATHIEU & JOLLIVET, 1989). Apesar disso, o termo em si, sob o sentido específico que tem hoje, quando serve, por exemplo, para designar um ministério, uma política governamental - e, mais amplamente ainda, uma preocupação de ordem geral - incorporou-se ao uso corrente há apenas uns vinte anos. Essa duração, assim como a amplitude das questões apresentadas, bastam para se avaliar que aí está um profundo movimento da sociedade, isto é, um novo fato social, um componente novo e duradouro da realidade social, do funcionamento e da evolução da sociedade (neste caso, da sociedade francesa). Resta observá-lo como tal e dimensionar a importância das mudanças que ele é capaz de introduzir. Sua aparição recente e suas características próprias tornam a tarefa incômoda. O que será feito aqui é simplesmente uma preparação do terreno que forneça referências para uma análise que caminhe nesse sentido. Além disso, serão tratadas somente as relações entre meio ambiente e agricultura, meio ambiente e agricultores, estendendo, ainda assim, a reflexão ao conjunto da população e da sociedade rurais na medida das necessidades.

É necessário, porém, começar caracterizando a questão ambiental de modo genérico, pois as considerações ambientais referentes à agricultura só têm sentido quando inseridas no debate de porte global da sociedade sobre meio ambiente.

## A "Questão do Meio Ambiente"

Pode-se dizer que na sociedade francesa uma questão global é apresentada e que pode ser definida como sendo a "questão do meio ambiente". Trata-se de uma interrogação institucionalizada que mobiliza e organiza as representações coletivas. Essa produção simbólica passa por tudo o que contribui para dar consistência e corpo ao que se pode chamar de "opinião pública institucional": a mídia, evidentemente, mas não devem ser esquecidas também as pesquisas de opinião e, principalmente, o campo político (CHAMPAGNE, 1990). É evidente que a criação de um Ministério do Meio Ambiente consagra a "questão do meio ambiente" como tema inserido naquilo que Habermas chama de "espaço público". Trunfo político, o meio

ambiente entra no jogo institucional da democracia regido pelo voto e pelos partidos. A criação de um partido dos "verdes" intensifica a concorrência pela única virtude das regras do jogo eleitoral. O sucesso dos verdes nas eleições locais (municipais e cantonais) e nas eleições européias ajudaram claramente a entranhar ainda mais a "questão do meio ambiente" no jogo político.

Isso não significa, absolutamente, que o meio ambiente seja uma das preocupações prioritárias da maioria dos franceses,<sup>(1)</sup> mas serve de caixa de ressonância para um movimento militante de expressão considerável (existe hoje, na França, cerca de 1500 associações em defesa do meio ambiente e do quadro de vida) que explora situações locais de conflito para mostrar a legitimidade de suas posições. Daí os sucessos nas eleições regionais. Desta forma se constrói progressivamente uma "opinião pública" cada vez mais sensibilizada pelos "problemas ambientais"

Sociologicamente falando, depara-se aí com uma "ideologia" no sentido literal do termo, isto é, um campo estruturado de representações coletivas fundado sobre um sistema de valores sociais. As referências religiosas são muito próximas, senão imediatas (VIARD, 1985). No que diz respeito ao meio ambiente, fala-se constantemente sobre a ética e a ética das relações sociais e do bem comum (SERRES, 1990). Melhor ainda, defronta-se aqui com uma ideologia verdadeiramente política. A "questão do meio ambiente" atualiza a questão democrática por meio de pontos essenciais, como o direito do cidadão à informação e à participação nas decisões de caráter público. O aspecto recente dessa ideologia faz com que sua análise seja ainda de difícil abordagem.

Por ser jovem, ela se encontra ainda em estado instável, não solidificado, inacabado (e, por isso mesmo, aberto, permeável, leve e moldável). Prova disso é sua dificuldade de posicionamento com relação às grandes questões políticas clássicas, o que vai acabar por colocar a questão da sua capacidade de autonomia política ou de sua inevitável absorção pelos partidos que representam as grandes divisões políticas da sociedade francesa.

Embora sua complexidade e sua originalidade tornem-na de difícil compreensão, a questão do meio ambiente, por ser jovem, é ainda pouco

---

(1) Segundo pesquisa CSA - Ministério do Meio Ambiente feita em junho de 90, entretanto, o meio ambiente ocupa atualmente o segundo lugar (atrás do desemprego).

estudada. Polissêmica, a noção de "meio ambiente" permite todos os tipos de amálgamas: é esta característica que lhe dá riqueza simbólica - e, por aí, uma real capacidade para provocar mobilização social em torno das transferências de sentido que ela pode suscitar - e que faz dele uma noção geradora de uma ideologia; mas isso também é fonte de equívocos e contradições.

Pode-se afirmar, embora isso não tenha sido objeto de pesquisas, que as afinidades entre esta ideologia e o movimento de maio de 68 são grandes. Encontra-se aí o caminho que vai da reivindicação sobre as condições de vida àquela sobre o modo de vida e que deságua em um questionamento da organização econômica, social e política que os engendra. A "volta à natureza" dos "neo-rurais" dos anos 70 expressa bem essa junção entre relação à natureza e relação à sociedade (incluindo aí também uma incontestável dimensão religiosa) (LEGER & HERVIEU, 1970).

Pode-se ver aí uma ideologia da "sociedade pós-industrial", segundo a terminologia de A. Touraine, ou da sociedade das classes médias. Tudo isso precisaria ser fundamentado. O fato de que a referência ao "meio ambiente" seja cada vez mais freqüente em propaganda (sobretudo no domínio agroalimentar) e que o meio ambiente se torne a base de todo um conjunto de inovações tecnológicas leva a crer que o meio ambiente pode ser (com a comunicação, por exemplo) um dos eixos de reestruturação de uma economia industrial que perde o fôlego, já que perdeu o impulso vindo do grande consumo de massas, em virtude da satisfação das necessidades correntes. Nova mola da sociedade industrial, o "meio ambiente" também pode ser visto como parte dos caminhos de acesso à sociedade de serviços, à "terceirização" da economia. O desenvolvimento do "turismo verde" (de todas as formas de utilização lúdica do espaço rural) é uma boa ilustração desse ponto de vista. É absolutamente fundamental que se respondam essas perguntas para avaliar quais as lógicas e processos sociais que conduzem a questão do meio ambiente e que, portanto, condicionam suas evoluções futuras, inclusive com o risco de cair em contradição com seus valores sociais iniciais.

Existe, entretanto, uma outra dimensão da questão ambiental que não pode ser ocultada e que desempenhará um papel determinante na importância que lhe será atribuída, inclusive no plano político. Trata-se da dimensão que poderia ser denominada "naturalista".

Problemas reais e concretos se apresentam com relação à gestão dos recursos, elementos e meios naturais, seja com respeito à água, ao ar, às zonas úmidas, aos recursos genéticos ou ao solo etc.... Tais problemas são tão reais que muitos deles já eram alvo de atenção especial e de políticas específicas muito antes de a questão ambiental ter sido levantada. Tome-se por exemplo o abastecimento e a gestão da água, a erosão dos solos, a fiscalização de estabelecimentos insalubres, a proteção de sítios e reservas naturais. Evocar a noção de meio ambiente implica uma atenção acentuada sobre todos esses pontos, a partir de uma dupla constatação:

- 1) a de uma crescente escassez dos recursos básicos (água, ar e solo), principalmente dos recursos de boa "qualidade";
- 2) a de uma interdependência total entre os diferentes compartimentos da biosfera, transferindo-se a poluição de uns para os outros e terminando por se acumular ao final da cadeia trófica ou por modificar os equilíbrios gerais do planeta.

São essas constatações - entre outras - que fundamentam o "meio ambiente" como um todo, como entidade em si, em que cada um dos aspectos considerados é somente uma parte ou uma faceta do conjunto formador do sistema. Deste ângulo, a demonstração da sensível - e crescente - mudança na composição química da estratosfera, com as conseqüências esperadas sobre o clima e sobre a integridade da camada de ozônio, desempenhou incontestável papel unificador. Em outro ponto, a questão da biodiversidade fez o mesmo. A conseqüência extremamente importante dessa "globalização" dos fenômenos (o que faz com que, hoje, se fale mais em "mudança global" do que em "meio ambiente") é uma crescente submissão do "local", talvez mesmo do comportamento individual, a uma verdadeira "ordem planetária", o que justifica ainda mais a intervenção do "poder público", seja em nível local ou central. Note-se que, reciprocamente, uma reivindicação eminentemente local para a melhoria de condições de vida vai encontrar aí um bom motivo para se justificar pela defesa do meio ambiente com o intuito de aumentar sua legitimidade e conseguir em seu favor a intervenção da instância mais alta possível do poder público.

Estas colocações preliminares eram necessárias para que se tivesse a exata dimensão do contexto em que se encontram os agricultores quando

confrontados com as exigências ambientais. Para concluir, pode-se fazer uma comparação com as crescentes dificuldades econômicas enfrentadas por eles em virtude da internacionalização do mercado de produtos agrícolas e de sua exposição cada vez mais direta à "lei de mercado" (COULOMB *et alii*, 1990). Não seria o "meio ambiente", para eles, portador de uma nova dependência de grandeza internacional e, portanto, de novas dificuldades a enfrentar e superar?

## Agricultura e Meio Ambiente

Se for considerado em sua relação com a agricultura e os agricultores, esta referência ambiental trata essencialmente do solo, da água, da biodiversidade, das paisagens e da atmosfera:

- 1) No que diz respeito aos solos, depara-se, antes de mais nada, com a velha questão da erosão. Pode-se questionar se, nesse ponto, a noção de meio ambiente traz alguma novidade. A preocupação de se combater a erosão representa desde há muito uma vontade de preservar um "recurso natural" raro: o solo "arável", como se dizia antigamente. As preocupações ambientais desempenham, no máximo, um papel ativador, tornando mais extremado o sentimento de um "patrimônio" a ser conservado. Ela pode, no entanto, chegar ao ponto de introduzir uma nova dimensão: a qualidade da água, evidentemente afetada pelos materiais de erosão acumulados nos córregos (ou nos lagos), nos riachos, nos rios, no mar, principalmente se tais materiais forem ricos em matéria orgânica, elementos fertilizantes ou produtos tóxicos. Da mesma forma, são colocadas questões sobre a qualidade dos solos. Não se trata propriamente de sua qualidade agrônômica (ainda que a agronomia possa estar relacionada com este aspecto, seja em termos de desempenho ou de qualidade da produção). Mais uma vez, o que está em questão é a qualidade da água quando o solo, de filtro depurador, se transforma em fonte de "poluição", devido à saturação de produtos tóxicos. Também estão em questão a qualidade da atmosfera (por intermédio da atividade bacteriana que se desenvolve nos solos) e a das plantas, que funcionam como produção primária e elemento inicial da cadeia trófica em que os produtos tóxicos vão se acumulando de um elo a outro.<sup>(2)</sup>

---

(2) Com outra preocupação crescente os eventuais riscos, de conseqüências nefastas, que isso

- 2) Foi com relação à água, principalmente, que se fez uma rápida sensibilização. Também aqui o problema é, ao mesmo tempo, quantitativo e qualitativo. Os recentes acontecimentos climáticos desempenharam um papel revelador. Mas o problema dos teores em nitratos em águas subterrâneas, assim como em riachos, rios ou lagos eutrofizados, onde os peixes não podem mais viver, ou em águas costeiras que tornam impróprios para o consumo ostras e mexilhões, isso nada tem a ver com acidentes climáticos. É a crescente utilização de água, sobretudo na irrigação, leva à competição pelo recurso. O que está em jogo aqui são a qualidade e o custo da água potável (ou, melhor dizendo, da água da torneira), a qualidade da água para os animais de criação e, novamente, a acumulação de elementos tóxicos por meio da cadeia trófica que vai do plâncton ao predador do peixe (que, freqüentemente, é o homem). Isto, quando o peixe sobrevive. Em jogo também está a qualidade da água doce para o banho de lazer, para a composição das paisagens (e, portanto, para o turismo verde); está, enfim, a biodiversidade, com a destruição de biótipos aquáticos inteiros. Tudo isso faz com que se levante o problema das zonas úmidas, cuja função ecológica e cujas funções de depuração vêm tendo cada vez mais prioridade para combater seu ressecamento.
- 3) A questão da biodiversidade comporta múltiplos aspectos. Sua origem poderia ser encontrada nas próprias práticas agrícolas. Pode-se lembrar, a esse respeito, o que ocorreu na área da proteção dos vegetais com a tomada de consciência dos limites e dos efeitos perversos da luta química e as saídas pesquisadas do lado da luta biológica e da luta integrada. Perceberam-se então os riscos de pesticidas de efeitos insuficientemente seletivos e a fragilidade de variedades selecionadas cada vez mais exclusivamente em função de seu desempenho em termos de rendimentos. É bem verdade que, desde o abandono do DDT, a química progrediu muito. Mas, hoje, é do lado das biotecnologias que se buscam os progressos e quem diz biotecnologias diz banco de gens e, portanto, conservação genética.

É interessante perceber que, paralelamente a essa evolução rumo às biotecnologias, as pesquisas na área da diversificação da agricultura e da criação, especialmente em zonas marginais, possibilitaram a reabilitação

---

pode comportar, via alimentação, para a saúde humana.

de uma diversidade biológica representada pelas "raças" e variedades locais, pelos cultivares e pelas espécies endêmicas. As pesquisas sobre a "extensificação" seguem o mesmo caminho. Assim, as duas variantes opostas de agricultura, a "intensiva" e a "extensiva", conflitantes em tantos aspectos, têm em comum, ao menos, o fato de conduzirem a uma "defesa e ilustração" da diversidade biológica e, portanto, da necessidade de conservá-la.

Apresenta-se, aliás, uma outra questão no que tange a essa conservação, já que a conservação *in situ* é a única que permite a evolução genética, garantia de uma constante adaptação da planta a seu "meio ambiente". É nesse ponto que se justapõem a abordagem estritamente ecológica e o axioma de diversidade biológica em que ela repousa: longe de ser a antítese da agricultura artificializada, a "biologia da conservação" poderia ser a base futura de seu impulso, numa via em que se substituiria a química pela biologia.

Uma última observação é capaz de completar, enfim, tudo o que foi dito anteriormente: a diversidade biológica passa simultaneamente por um indicador e por um fator da qualidade de um meio e de um recurso, que se trata de solo ou de água.

- 4) O interesse dispensado às paisagens tem uma rica e longa história e a defesa da paisagem passa por motivações e outros argumentos que os da proteção do meio ambiente, no sentido aqui atribuído a este termo. Por outro lado, a questão do abandono de terras agrícolas<sup>(3)</sup> também não é nova. Apesar disso, a questão do meio ambiente e a referência à noção de paisagem e à proteção das paisagens possuem estreitas afinidades. A noção de meio ambiente enriquece a de paisagem com um novo sentido.

Aqui também se poderia encontrar, na prática agrícola, o esboço de toda uma reflexão sobre o meio ambiente. Trata-se da reorganização fundiária e do reagrupamento de tipo *openfield* em zonas de *bocage*,<sup>(4)</sup> com tudo o

---

(3) Nota da revisão da tradução: o termo empregado pelo autor é *déprise agricole*, que indica, mais que um fenômeno puramente econômico, uma importante questão de sociedade com relação ao povoamento ou à desertificação social das áreas rurais.

(4) Nota da revisão da tradução: *Bocage*: região onde os campos e as pastagens são cercados por cercas vivas ou árvores enfileiradas e onde se localizam, de maneira dispersa, pequenas fazendas e suas habitações. A referência aqui é à destruição deste tipo de paisagem e sua substituição por

que isso supõe em termos de eliminação de barrancos, erradicação de cercas vivas, de canalizações para a água etc. Os argumentos em favor da manutenção da malha de cercas vivas em campos de *bocage* uniram razões agronômicas e ecológicas. Na verdade, foi da ecologia que ressurgiu a discussão e é primeiramente de uma preservação da diversidade biológica ligada a uma estrutura paisagística bem específica que se está tratando.

Tentativas idênticas de conciliar objetivos produtivos e diversidade paisagística ocorreram também em torno de questões relativas às zonas marginais, como as colocadas pela utilização dos *maquis*,<sup>(5)</sup> das charnecas, dos *taillis*<sup>(6)</sup>, bosques e florestas de todos os tipos e espécies, com fins de pastoreio, particularmente em áreas montanhosas de altitude média do Mediterrâneo (mas também numa floresta tão artificial como a da região dos Landes, por exemplo). Procura-se na combinação entre capim e árvore o meio de se obter, em condições pedo-climáticas geralmente difíceis, o máximo em recursos de forragem pelo menor custo possível; assim, evitam-se também os problemas de erosão e da poluição resultantes dos insumos; e, hoje, admite-se até que, impedindo-se o fechamento total de paisagens abertas ou abrindo-se parcialmente paisagens fechadas, mantém-se ou restaura-se uma diversidade biológica que estaria comprometida sem a interferência do homem. Considera-se hoje, ainda, que uma paisagem diversificada é um excelente meio de lutar contra várias formas de poluição dos solos e da água.

Desse ângulo, a noção de paisagem se torna o receptáculo da totalidade do sentido da noção de meio ambiente e a paisagem torna-se um nível privilegiado que deve ser levado em conta na concepção de uma gestão agroecológica do espaço rural. O recente surgimento e o rápido desenvolvimento da ecologia da paisagem traduzem o sucesso dessas novas concepções da paisagem, ao mesmo tempo em que o agrônomo demonstra cada vez maior interesse por elas (INRA-ENSSAA, 1977).

- 5) A mudança da composição química das altas camadas da **atmosfera** e os efeitos esperados sobre o clima são a grande preocupação dos anos 80.

---

paisagens de "campos abertos".

- (5) Nota da revisão da tradução: Nas regiões mediterrâneas, associação vegetal densa, não muito alta, que lembra a caatinga brasileira.
- (6) Florestas de vegetação secundária, densa, com árvores relativamente pequenas.

As inquietações levantadas pelos cientistas nesse sentido provocam um salto à frente, decisivo na conscientização sobre a realidade dos problemas ambientais, de sua amplitude e de sua possível gravidade; poderíamos dizer que elas consagram a questão do meio ambiente como prioritária, implicando uma visão planetária e uma ação a longo prazo; elas conduzem à abordagem integrada em que se fundamenta a noção de meio ambiente e que conduz a apreender o meio ambiente como um todo indissociável, seu princípio definitivo, seu "paradigma": é o que traduz o termo inglês *global change*, que se tornou, internacionalmente, a palavra principal para designar tudo o que trata do meio ambiente, ao menos em termos de pesquisas a realizar.

Na verdade, encontra-se aí, levadas em nível da estratosfera, preocupações muito mais ... terra a terra, que se referem à poluição atmosférica urbana. Mas essa extensão do problema fez com que se tivesse uma outra visão de suas causas: inicialmente atribuída às atividades industriais ou, mais genericamente, a todo tipo de utilização - mesmo doméstica - de energias fósseis, essa "poluição" da atmosfera se torna, ao mesmo tempo, uma questão de "equilíbrio" interior dos "grandes ciclos" sobre os quais repousa a vida na terra, e um fenômeno que engloba necessariamente todas as atividades humanas que intervêm nesses ciclos. É aí, então, que se questionam os desmatamentos maciços da Amazônia e as queimadas dos cerrados, acusados de modificar sensivelmente o ciclo do CO<sub>2</sub>.

Nesse aspecto, a agricultura francesa não está mais em questão, pois os desmatamentos maciços com fins agrícolas já não se encontram mais na ordem do dia na França. Pelo contrário: com a eventual liberação de terras para reflorestamento, o País caminha no sentido desejado. A interrogação aqui refere-se ao futuro, aos efeitos esperados de um aumento conjunto das taxas de CO<sub>2</sub> e da temperatura sobre as diferentes culturas. Ainda assim, cresce um interesse geral pelo metano, que, da mesma forma, contribui para o agravamento do efeito estufa, e isso, ao mesmo tempo, concerne diretamente à criação animal (além das zonas úmidas).

## Elementos para uma Problemática

Com este rápido painel dos problemas principais que integram a conceituação de "meio ambiente", pode-se chegar a um certo número de observações, dentre as quais cinco podem ser apresentadas aqui:

- 1) A primeira consiste em uma guinada para trás. Com relação a todos os problemas levantados, ainda estamos em pleno terreno das conjecturas e das perguntas sem resposta. Isso abre larga passagem para um discurso alarmista, "catastrofista", mas também para todo um conjunto de estratégias ou táticas defensivas fundadas sobre contestações e contra-argumentos da parte dos atores sociais cujos comportamentos e cujos interesses se encontram questionados. A questão do meio ambiente fica, por excelência, no domínio da controvérsia. Encontra-se aí, é verdade, um vasto sítio que se abre à pesquisa, onde todas as áreas do conhecimento se confundem. Mas é preciso agir de imediato, o que significa agir na incerteza. As sociedades se encontram diante de um problema absolutamente inédito que é o de uma "gestão do risco", e de um risco a longo prazo e que ultrapassa cada uma delas em particular. É claro que em uma situação como essa, as relações de poder, a capacidade de negociação (amplamente baseada em uma capacidade de avaliação) são convocadas a desempenhar um papel maior na forma como vão evoluir as medidas e políticas concretas a serem adotadas. Em resumo, o campo de controvérsias científicas, chamado "meio ambiente", também é, conseqüentemente, um campo amplamente aberto às controvérsias sociais e políticas. Apresenta-se diretamente, então, a questão de avaliar como os agricultores franceses estão situados nesse contexto. Nessa perspectiva, seria de grande interesse, por exemplo, analisar os recentes debates sobre a lei da água.
- 2) Os conflitos com relação aos problemas ligados ao meio ambiente e os jogos de poder e alianças, que serão praticados para regulamentá-los, tendem a crescer cada vez mais, tendo em vista que os participantes dos debates são numerosos e seus interesses extremamente conflitantes. Apenas no âmbito rural e exclusivamente com relação aos problemas abordados acima, os agricultores já se encontram em competição com diversas categorias sociais: outros habitantes do vilarejo, na condição de moradores, pescadores (ou os ostreicultores e miticultores), caçadores, turistas e

profissionais do turismo, por exemplo. "Meio ambiente", como se viu, também significa condição de vida: podem ser citados, a esse respeito, os diversos conflitos de vizinhança em decorrência das pocilgas industriais ou das construções agrícolas. Todo um campo de pesquisa se abre na tentativa de compreender por quais processos sociais as preocupações ambientais são levantadas, abordadas, formuladas, utilizadas e tratadas, isto é, processos pelos quais elas tomam, socialmente, forma e direção, em qualquer nível, desde o vilarejo até as relações internacionais.

- 3) A política ambiental é, ao mesmo tempo, necessariamente setorial em suas modalidades e unitária em suas finalidades. Isto é o que brota, por um lado, das múltiplas facetas que a noção de meio ambiente comporta e, por outro, das diversas interdependências existentes entre essas várias facetas, como se acaba de ver. Uma política para a questão da água passa por uma política para o solo, que, por sua vez, passa pela política agrícola e pelos objetivos que lhe tenham sido dados. Além de não poder deixar de abrir espaço a diversas contradições, inclusive no campo político, esta complexidade tem ainda como conseqüência o fato de o agricultor estar de alguma forma envolvido, por estarem à mira todas as suas práticas profissionais. De uma forma ou de outra, todos deveriam se encontrar incluídos, e dadas as solidariedades que existem entre as seqüências de um itinerário técnico ou os elementos de um sistema técnico de produção, isso pode resultar no encadeamento de mudanças substanciais nas unidades produtivas. Levanta-se aqui uma questão importante: até onde irão essas mudanças e que incidências poderão ter sobre os equilíbrios econômicos das unidades produtivas e até sobre a localização das produções? Será o "meio ambiente" a revanche dos agricultores menos intensificados e da agricultura biológica? Este não é um problema tão simples e, por isso, deveria merecer mais atenção.
- 4) A submissão progressiva dos agricultores às conjunturas geradas por políticas de preservação ambiental é verossímil, mesmo porque tais políticas tratam de combater as poluições acumuladas e "à distância" com a mesma intensidade, senão até mais, com que combatem a poluição local. Os lençóis freáticos, as águas costeiras em que desembocam os riachos e rios, a estratosfera e a troposfera são conjuntos vastos, bastante difíceis de delimitar - quando têm limites -, e que se integram em sistemas de fluxos mais ou menos conhecidos. Procura-se atuar, por-

tãnto, sobre todas as "fontes" de "poluição". Ora, à exceção dos estábulos com altas concentrações de animais, que constituem uma parcela localizada e facilmente identificável, a principal característica da agricultura e da criação é justamente o fato de incidirem sobre o meio de maneira difusa e em grandes superfícies: é na escala da microbacia que seus efeitos podem ser avaliados, tendo-se como princípio que a noção de microbacia aplica-se tanto à escala do rio como à do riacho. A solução técnica de ação preventiva junto à fonte poluidora não pode, portanto, ser o meio de ação privilegiado, sendo necessário passar pela regulamentação ou pela taxaço imposta a todos. Obviamente, a ação tem como alvo imediato as situações mais críticas, mas também não pode deixar de se estender às outras, com exceção daquelas sobre as quais nada mais se tem a dizer. Resta saber se ainda é possível localizar tais situações, dada a multiplicidade de ângulos pelos quais pode ser enfocada a agricultura em sua relação com o meio ambiente. É de grande interesse que se observe o fato de as zonas marginais já se encontrarem atualmente tão visadas quanto as regiões de agricultura e criação intensivas com relação às medidas tomadas em favor do meio ambiente.

- 5) A necessidade de submeter todos os agricultores (ou, pelo menos, todos os que ocupam uma determinada área) à mesma regra induz à dimensão propriamente política (ou traduz a dimensão eminentemente política) da questão do meio ambiente. Não se trata (pelo menos ainda) de uma incitação do mercado que pese sobre as condutas individuais, e sim de uma regulamentação, o que supõe a intervenção do "poder público", o único a deter legitimidade suficiente para impor uma regra coletiva (mesmo que seja, eventualmente, por intermédio das organizações profissionais, particularmente representativas, no tocante à aplicação). O caráter político desta intervenção é cristalino, mesmo porque sua adoção se dá *in fine* em nome do interesse geral. A intervenção do Estado, neste caso, se vê claramente conclamada. Há de se notar que esta intervenção é, por outro lado, parte de uma pressão internacional (em nome do interesse geral da humanidade). A necessidade de retroceder o mais longe possível, corrente acima, em busca das fontes de poluição segue o mesmo sentido: pode-se dizer, para ilustrar, que o espaço poluente não é necessariamente o espaço poluído. Isto cria solidariedades, ou melhor, dependências espaciais que nada têm a ver com as repartições territoriais das

coletividades locais. O papel crescente das agências de microbacias coloca o problema dos níveis territoriais em que devem ser concebidas as políticas e tomadas as decisões. Como se trata de impor restrições e taxações ou assumir novas despesas com infra-estrutura, o meio ambiente tem se tornado - e assim vai continuar - objeto maior de conflitos e negociações entre as coletividades territoriais e o Estado e entre as diversas coletividades territoriais. Tudo isso vem reacender a problemática sobre a situação dos agricultores em meio a essas relações de poder.

### **Para Concluir, Podem Ser Feitas as Três Afirmações Seguintes:**

Em primeiro lugar, o "meio ambiente" não é uma moda que passará com o tempo. É um novo campo que se abre ao debate social e político instituído. Por outro lado, é também um campo que toca profundamente o imaginário, as representações e o sistema de valores sociais, porque nos obriga a repensar as relações entre sociedade, técnica e natureza e, portanto, tudo o que rege essas relações na organização social. Tudo isso ainda vai levar tempo.

Em segundo lugar, o "meio ambiente" não é uma preocupação ou sensibilidade nova que venha questionar tudo. Sua novidade reside, principalmente, no fato de ele provocar a reorganização e a agregação de fragmentos, até aqui esparsos, de sensibilidades e doutrinas que são freqüentemente conflitantes (ALPHANDERY *et alii*, 1991). Reside ainda no fato de ele projetar essas sensibilidades, até então quase sempre secundárias e até marginais, no cerne do debate público e promovê-las à condição de negócio de Estado.

Tudo isso desencadeia uma série de reajustes: a agricultura biológica se vê reconhecida, a "extensificação" se torna, pelo menos, uma hipótese de trabalho. E qual é o seu futuro? É difícil prever, pois há dúvidas que persistem. É certo, no entanto, que cada uma das formas de agricultura vai se apropriar do discurso ambiental e moldá-lo à sua forma, de acordo com sua lógica técnica, econômica e social. Existem soluções técnicas para a maioria dos problemas levantados e não se tem certeza de que fazer uso delas signifique sempre entrar em conflito com as dificuldades econômicas cada vez mais severas que a agricultura tem pela frente.

- LEGER, D. & HERVIEU, B. *Le retour à la nature*; "Au fond de la forêt... l'Etat". Paris: Seuil, 1979.
- MATHIEU, N. & JOLLIVET, M. (eds.). *Du rural à l'environnement: la question de la nature aujourd'hui*. Paris: ARF/L'Harmattan, 1989.
- SERRES, M. *Le contrat naturel*. Paris: F. BOURIN, 1990.
- VIARD, J. Protestante, la nature? *In: Protection de la nature: histoire et idéologie; de la nature à l'environnement*. Textes réunis et présentés par Anne Cadoret. Paris: L'Harmattan, 1985.

---

(Recebido em março de 1994).

De qualquer forma, se há um preço a pagar, ainda que provisório, pode ser que valha a pena, para refrear, por outro lado, o custo crescente da gestão dos excedentes agrícolas. A CEE tem, nesse sentido, uma atitude totalmente ofensiva, ordens do GATT. O que se negociava em nome da gestão dos mercados será negociado de agora em diante, cada vez mais, em nome do meio ambiente.

Terceiro e último ponto: pela ótica do agricultor, três coisas, estreitamente ligadas entre si, estão em jogo: sua renda, sua profissão e seu *status* na sociedade. Estamos saindo de um período marcado por um contrato claro, provido de um modelo de desenvolvimento bem definido, entre a sociedade francesa e seus agricultores. Modificar os termos deste contrato já não é pouca coisa, ainda mais se as modificações forem diametralmente opostas às disposições anteriores. Prolongar o contrato precedente, agravando-o, e a ele adicionar obrigações contrárias, torna-se um desafio que chega às raias da impossibilidade. Não seria grande exagero sugerir que esta é mais ou menos a situação em que nos encontramos.

Resta a nós desfazer o complexo emaranhado dessas contradições e seguir-lhes o desenrolar para compreender os processos sociais de todos os tipos, mediante os quais será produzido o transplante da preocupação ambiental sobre a dinâmica dos sistemas produtivos existentes. Encontra-se aí, sem dúvida, para as pesquisas sociais sobre a agricultura francesa, uma das "questões vivas" da próxima década.

## Referências Bibliográficas

- ALPHANDERY, P.; BITOUN, P. & DUPONT, Y. *L'équivoque écologique*. Paris: La Découverte, 1991 (Cahiers libres/essais).
- CHAMPAGNE, P. *Faire l'opinion: le nouveau jeu politique*. Paris: Editions de Minuit, 1990 (Le sens commun).
- COULOMB, P.; DELORME, H., HERVIEU, B.; JOLLIVET, M. & LACOMBE, P. (eds.). *Les agriculteurs et la politique*. Paris: Presses de la FNSP, 1990.
- GRUPE DE RECHERCHES INRA-ENSSAA. *Pays, paysans, paysages dans les Vosges du Sud; Les pratiques agricoles et la transformations de l'espace*. A. Brun, J. Bonnemaire, J. Brossier, J-P. Deffontaines, Y. Houdard, P-L. Osty, M. Petit, M. Roux, J-H. Teissier. Paris: INRA/ENSSAA, 1977.